

---

**A FAMÍLIA VIEIRA NO ALMANAQUE  
DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO<sup>1</sup>**

The Vieira Family in the *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*

Beatriz Weigert<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho pretende apresentar três escritores do Rio Grande do Sul, pertencentes à mesma família, reforçando o alcance e a valorização do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, editado em Portugal. Damasceno Vieira, com a irmã Anália e com o filho Arnaldo compõem o trio de porto-alegrenses, a enriquecer o periódico português no gosto pela Literatura. Enquanto as charadas, em distintas modalidades, somam-se à prosa e à poesia dos irmãos, é a criação do verso que merece o cuidado do mais jovem. Desafios, patriotismo e afeto concentram o pendor artístico dos três autores sul-rio-grandenses.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; Damasceno Vieira; Anália Vieira do Nascimento; Arnaldo Damasceno Vieira; Criação literária.

**ABSTRACT:** This research intends to present three members of the same family that are writers in the state of Rio Grande do Sul, in order to reinforce the value of the *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, edited in Portugal. Damasceno Vieira with the sister Analia and with the son Arnaldo are the porto-alegrenses, whose literature enrich the Portuguese journal. While different modalities of charades are important part of the brothers' prose and poetry, the youngest of them dedicates, himself, to creating verses. Challenges, patriotism and affection concentrate the artistic inclination of the three sul-rio-grandenses authors.

**KEYWORDS:** *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; Damasceno Vieira; Anália Vieira do Nascimento; Arnaldo Damasceno Vieira; Literary Creation.

O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1851-1932) é tema de estudo do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Clepul), no âmbito da linha de investigação *Brasil: literatura, memória e diálogos com Portugal*, sob a coordenação da Professora Doutora Vania Pinheiro Chaves. Os oitenta e sete exemplares são manuseados e analisados, motivando colóquios, congressos, encontros e publicação de livros.

---

<sup>1</sup> Esse artigo retoma e amplia o que está publicado em *Ensinar o Brasil a toda a gente: Homenagem a Vania Pinheiro Chaves*. Lisboa, Clepul/Theya, 2019, p. 212-230.

<sup>2</sup> Membro do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Universidade de Lisboa.

Ao longo de sua existência, o anuário apresenta três títulos. Lançado por Alexandre Magno de Castilho, como *Almanach de Lembranças*, mantém esse nome de 1851 a 1854. Pela sua repercussão, passa, em 1855, a intitular-se *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro*, até 1871. A partir de 1872, sob direção de António Xavier Rodrigues Cordeiro, registra-se como *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro*, designação que se manterá até 1932.

Pela inclusão do adjetivo patronímico, lê-se a cumplicidade fraterna. No entanto, o periódico ganha geografias alargadas. A subscrição africana se faz presente já no *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1855*, quando se lê o poema de Antónia Gertrudes Pusich, de Cabo Verde. Francisco Soares é peremptório ao afirmar que “de entre todos os órgãos de imprensa portuguesa onde colaboraram angolanos ou residentes, o que se destaca é precisamente este” (SOARES, 2002, p. 9). Conforme Mário António (apud SOARES, 1990, p. 200), em *Reler África*, nenhuma outra publicação, editada fora de Angola, havia reunido, como o *Almanaque*, tão grande número de colaboradores angolanos e de nomes significativos da intelectualidade angolana. E nenhuma igualou-se na procura e na recepção, com interesse tal para que os jornais locais anunciassem o anuário.

Sabendo-se que a primeira voz a falar do Rio Grande do Sul, no *Almanaque de Lembranças*, no ano de 1857, é a do Cônsul português António Maria do Amaral Ribeiro (SILVA, 2014), confere-se a significativa presença da família Vieira, com Damasceno Vieira, Anália Vieira do Nascimento e Arnaldo Damasceno Vieira. Vania Pinheiro Chaves, em “O Almanaque de Lembranças e o Rio Grande do Sul” (CHAVES, 2014, p. 35-54), anota que os autores que escrevem a partir do Rio Grande do Sul com maior número de colaborações, no *Almanaque*, são Damasceno Vieira, António Maria do Amaral Ribeiro e Anália Vieira do Nascimento.

Damasceno Vieira (João Damasceno Vieira Fernandes) colabora a partir do *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1870*<sup>3</sup> até ao *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1910*. É um passatempo – um logogrifo – sua primeira publicação, que se diversifica em poesia e prosa ao longo de seu contributo de sessenta e seis textos. Também pelo logogrifo, surge Anália Vieira do Nascimento, no *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1871*<sup>4</sup>, e enriquece o anuário com trinta e sete textos de passatempo, prosa e poesia até ao *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1893*. Arnaldo Damasceno

---

<sup>3</sup> Assinado com o nome de João Damasceno Vieira Fernandes, *ALLB*, 1870, p. 339: “Logorifo XII”. Solução: ACARIMA. Também em 1874 como João Damasceno Vieira, *NALLB*, 1874, p. 345: “Logogrifo XXIV”.

<sup>4</sup> Com o nome de Amélia Vieira do Nascimento, *ALLB*, 1871, p. 220-221: “Logorifo XI”. Solução: MISERICÓRDIA.

Vieira publica pela primeira vez no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1900*, anotando-se, dele, treze poemas até ao ano de 1911.

A coincidência da publicação de Damasceno e de Anália, no mesmo almanaque, verifica-se por quinze anos<sup>5</sup>; a de Damasceno e Arnaldo, por seis anos<sup>6</sup>.

Para exemplificar, em 1873, no primeiro ano em que os irmãos estão no *Novo Almanaque*, vem o poema “Alda” (p. 357), de Damasceno Vieira; e de Anália, “Lucília” (p. 379). Em 1893, o último ano em que aparecem juntos nestas folhas, tem-se “Avante!” (p. 181), de Anália; e de Damasceno, “A Arte” (p. 332) e “Exílio e Morte” (p. 435-436).

Pai e filho marcam presença no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para 1900*: Damasceno, com “Literatura” (p. 3) e “O Adamastor” (p. 133-134); Arnaldo, com “Esgrima” (p. 228) e “Teísta” (p. 268). Em 1907, o último ano em que se inscrevem juntos, Arnaldo publica “Artista” (p. 18) e “Soror Esperança” (p. 332-334); e Damasceno, “O centenário de Bocage” (p. 68-70) e “O Partenon” (p. 251-252).

*Damasceno Vieira* nasce em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a 6 de maio de 1853, e falece em Salvador, da Bahia, a 6 de março de 1910. É filho de José Vieira Fernandes e Belmira Vieira do Nascimento, e pai dos também escritores, Arnaldo Damasceno Vieira e João Damasceno Vieira (Damasceno Vieira Filho). Sendo jornalista, poeta, dramaturgo e historiador, sua lista bibliográfica – também como Luciano Aguiar – inclui prosa e verso. Grande parte da obra constituindo-se pela poesia, os textos ficcionais (contos, romances, dramas) alinham-se aos jornalísticos (depoimentos, crônicas) e aos ensaios científico-literários, registrando-se a presença do escritor em tiragens do Brasil e do exterior. A pesquisa observa a correspondência de títulos em periódicos distintos, confluindo aos livros. Ao lado do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, existem publicações de Damasceno – ainda falta investigar Luciano Aguiar – no *Anuário da Província do Rio Grande do Sul*, depois *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul* (1885-1914), fundado por Graciano Alves de Azambuja (1847-1911)<sup>7</sup>; na *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* (1869-1879), criada por Apolinário Porto Alegre (1844-1904)<sup>8</sup>; no *Almanaque Literário e Estatístico da Província do*

---

<sup>5</sup> Damasceno e Anália publicam no mesmo almanaque nos anos de 1873, 1874, 1875, 1876, 1877, 1878, 1880, 1883, 1885, 1886, 1887, 1888, 1889, 1891, 1893.

<sup>6</sup> Damasceno e Arnaldo estão nos *Almanaques* de 1900, 1901, 1902, 1903, 1905, 1907.

<sup>7</sup> Graciano de Azambuja funda o *Anuário* em 1885. No exemplar de 1912, vem a notícia do seu falecimento e o número do ano de 1913 estampa as páginas de homenagem a Graciano de Azambuja com fotografia, biografia e bibliografia.

<sup>8</sup> Apolinário Porto Alegre, poeta, romancista, dramaturgo, ensaísta, pesquisador e professor, funda e dirige o Instituto Brasileiro em Porto Alegre.

Rio Grande do Sul, depois *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* (1889-1917), instituído por Alfredo Ferreira Rodrigues (1865-1942)<sup>9</sup>. A colaboração de Damasceno é copiosa. O *Almanaque de Lembranças*, como se viu, aponta o nome do autor desde o ano de 1870 até ao ano de 1910; o *Anuário*, de 1885 até 1908; o *Almanaque do Rio Grande do Sul*, de 1891 até 1913<sup>10</sup>; a *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* traz o nome do escritor nos anos de 1872, 1873, 1874 e 1875, preenchendo-se todos os meses de 1874 com trabalhos de Damasceno Vieira. No *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, sua participação consta de poesia, narrativa, comentário biobibliográfico, mesmo logogrifo<sup>11</sup> e charada<sup>12</sup>. Em alguns números colabora com mais de um texto.

Há títulos que percorrem as publicações. Confira-se o livro *Albatrozes*<sup>13</sup>, de 1908. Nesse livro estão poemas que já haviam saído nos *Almanaques* referidos e na *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. É o caso do poema “A Cristóvão Colombo” (p. 40-42), que se publicara, em 1894, nos dois almanaques do Rio Grande do Sul (*ALERS*, p. 97-98; *ARS*, p. 217<sup>14</sup>); e em 1895, no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*<sup>15</sup> (p. 1-2). Os poemas “Parthenon” (p. 11-12) e “Adormecida” (p. 24-25) saem, o primeiro, em setembro de 1874, na *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* (p. 137-138), e em 1907, no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (p. 251-252). E “Adormecida” está, em 1901, no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (p. 286-287). A correspondência entre os almanaques acontece com muitos mais trabalhos<sup>16</sup>.

Considerem-se as informações sobre o poeta que o almanaque oferece. Na seção “Publicações recebidas”, do *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1910*, as páginas 44 e 49 trazem duas notícias sobre livros de Damasceno Vieira com palavras elogiosas. As obras são as seguintes:

---

<sup>9</sup> Alfredo Ferreira Rodrigues é historiador, poeta e membro fundador da Academia Sul-riograndense de Letras, também colaborador do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

<sup>10</sup> Damasceno Vieira falece em 1910, mas o *Almanak Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul*, de 1913, republica, à página 170, o poema “A Carlos Gomes”, que saíra em 1898, nos três almanaques: nos dois do Rio Grande do Sul *Almanak Litterario e Estatistico* (p. 183), *Anuario* (p. 123-124), e no *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro* (p. 145-147).

<sup>11</sup> O *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1870* traz, à página 339, o “Logogrifo XII”, da autoria de Damasceno. Tem o escritor 16 anos.

<sup>12</sup> Damasceno Vieira, “Charada XXIX”, *NALLB*, 1874, à página 365.

<sup>13</sup> *Albatrozes*. Poesia. Bahia, Litho-Typographia, 1908. 156 p.

<sup>14</sup> *ALERS – Almanak Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul*; *ARS – Anuario do Estado do Rio Grande do Sul*.

<sup>15</sup> *NALLB – Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

<sup>16</sup> Por exemplo, “A Carlos Gomes”, “Albatrozes”, “Camões”, “Epínicio ao Rio Grande do Sul”, “Imprensa”, “Morte e Exílio”, “A Domadora”.

Damasceno Vieira – *Memórias históricas brasileiras* (em dois tomos) – Bahia 1903.

É uma obra de grande fôlego, em que o ilustre escritor brasileiro se afirma um historiador de raro mérito e de larguíssima erudição. [...] Felicitamos muito cordialmente o ilustre escritor, nosso antigo e prezadíssimo colaborador, pelo brilhante êxito da sua obra. (NALLB, 1910, p. 44-45).

Damasceno Vieira – *Albatrozes* (Poesias) – Bahia 1908.

Mais um primoroso livro de versos do ilustre poeta baiano, sr. Damasceno Vieira, esse espírito esclarecido e de tão complexas faculdades, que consegue versar com igual competência e primor, os mais variados assuntos, desde a poesia até à história, desde a crítica literária até aos estudos sociais e etnológicos. Noutro lugar transcrevemos uma das poesias do livro.<sup>17</sup> (NALLB, 1910, p. 49).

Neste número do anuário, realmente, a página 15 da seção “Variedades” mostra o soneto “Albatrozes”.

Acontecimento triste e que o “Registro Doloroso” do *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para 1911*, p. 59, anota é o falecimento do escritor.

Para estudo dos textos de Damasceno, é instigante conhecer a orientação crítica do autor. A sugestão pode vir pelos títulos *Esboços literários*<sup>18</sup>, de 1883, *A musa moderna*<sup>19</sup>, de 1885, e, de 1903, a “Carta” ao livro *Constelações*, de Arnaldo Damasceno Vieira, a que se acrescenta, de 1907, o trabalho publicado na Bahia, *A crítica na literatura* (apud BAUMGARTEN, 1997, p. 108).

Principalmente reforçando a receptividade dos conceitos elaborados no livro de 1885, vem a resposta do poeta sul-rio-grandense Bernardo Taveira Júnior (1836-1892) que, no soneto “Musa moderna”<sup>20</sup>, com dedicatória a Damasceno Vieira, em versos decassílabos de rima precisa, classifica a *musa moderna* como “altiva e forte”, exaltando Damasceno como “herói dessa bandeira” em que “perpassa a inspiração de um grande norte”, concluindo:

---

<sup>17</sup> O editor nesse elogio confunde-se, porque Damasceno é funcionário na Bahia, mas é natural do Rio Grande do Sul.

<sup>18</sup> *Esboços litterarios* – Poesia e crítica, Porto Alegre, DeutcheZeitung, 1883.

<sup>19</sup> *A musa moderna*. Estudo crítico (p. V-XXV). Poesias: Luctas (p. 1-160). Consagrações (p. 163-180). *Esboços litterarios* (p. 181-187). Porto Alegre, Jornal do Commercio, 1885.

<sup>20</sup> Bernardo Taveira Júnior, “Musa Moderna”, NALLB, 1888, p. 474.

É morto o Romantismo – essa doença  
Que fatal invadiu mais dum talento  
E nas almas causou ruína imensa!

Varonil hoje em dia o pensamento,  
Pelo bem onde a luta é mais intensa  
Combate – não suspira em vão lamento!  
(NALLB, 1888, p. 474)

Com esses versos, o poeta revela sua adesão às reflexões do compatriota.

Das páginas teóricas, o ensinamento que Damasceno ministra surge também no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Nele, leem-se textos que tratam de Arte, de individualidades, de afetos, de fatos e feitos da História. São temas que se desenvolvem, maioritariamente em verso, alcançando a prosa, na elevação dos conteúdos, na variação da forma e dignificação da linguagem. Vindo o enamoramento e a família registrar sentimentos, a História é fonte de elaboração, mesmo épica, tendo a Arte seu lugar, a ditar modos de representação, como ilustram as três quadras iniciais das treze estrofes que compõem o “Epínício ao Rio Grande do Sul”:

#### EPINÍCIO AO RIO GRANDE DO SUL

Musa, que sentes épico transporte  
Ante os prodígios que o trabalho expande,  
Vai, atraída por tendência forte,  
A meu berço natal, ao Rio Grande!

Contempla, embebe o teu olhar absorto  
No certame de luz que se irradia  
Da culta capital de *alegre porto*,  
Que relembra as montanhas da Bahia!

Percorre o vasto *Campo*, entregue outrora  
A severas manobras militares,  
E deslumbrante e suntuoso agora  
De tantas maravilhas singulares!  
(NALLB, 1903, p. 116-117)

O tributo à terra natal é tão eloquente quanto outros muitos poemas de exaltação emocionada e patriótica em tonalidade parnasiana.

*Albatrozes* (1908) encerra a edição de obras de Damasceno Vieira. O livro inicia com dedicatória e epígrafe significativas, ambas referindo cumplicidades de alma. Uma revela o afeto ao filho também poeta; a outra demonstra sua identificação a Charles Baudelaire, na imagem do Poeta, em uma estrofe de “L’albatros”<sup>21</sup>. A dedicatória diz: “A Arnaldo Damasceno Vieira, em retribuição às suas constelações como expressão de paternal carinho”. Ao falar em “constelações”, Damasceno Vieira aponta para as poesias de *Constelações* (1903), primeiro livro publicado de seu filho.

*Arnaldo*<sup>22</sup> intitula-se o drama em três atos da autoria de Damasceno Vieira, levado à cena a 8 de agosto de 1886, pela Sociedade Dramática *Filhos de Thalia*, de Porto Alegre. Também assim “em recordação”, dois anos passados, representa-se, do mesmo escritor, pela Sociedade Dramática *Filhos de Thalia*, no Teatro São Pedro de Porto Alegre, pela primeira vez, a 8 de agosto de 1888, o drama em quatro atos *Anália*<sup>23</sup>.

*Anália Vieira do Nascimento* nasce a 2 de setembro de 1854<sup>24</sup>, em Porto Alegre, e, na mesma cidade, morre a 24 de janeiro de 1911. É irmã de Damasceno Vieira, portanto, filha de José Vieira Fernandes e de Belmira Rosa do Nascimento e tia de Arnaldo Damasceno Vieira. No *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, demarca-se pela assiduidade, pois, de 1871 a 1893, ausenta-se de suas páginas apenas em 1884, 1890 e 1892. Apesar de não se lhe conhecerem livros publicados, seu nome é referenciado por Guilhermino Cesar, Pedro Villas-Bôas e Nelly Novaes Coelho. Guilhermino Cesar, na *História da literatura do Rio Grande do Sul*, de 1956, inclui Anália no capítulo XV, intitulado “Da Reação anti-romântica aos primeiros parnasianos”, no subtítulo “Outros poetas” (p. 297). Também em seu estudo “A vida literária”, do livro *Rio Grande do Sul: terra e povo*, de 1969, Guilhermino cita a escritora no item “Parnasianos e simbolistas” (p. 236). Pedro Villas-Bôas, no *Dicionário bibliográfico gaúcho*, de 1984, refere-se a ela como “poetisa de produção esparsa”, nomeando, do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, um texto em verso<sup>25</sup> (“No dia dos meus anos”, 1875) e outro em prosa (“Victor Hugo, Carta”, 1882). Nelly Novaes Coelho,

---

<sup>21</sup> *Le poète est semblable au prince de nuées/Qui hante la tempête et se rit de l’archer;/Exilé sur le sol, au milieu des huées,/Ses ailes de géant l’empêchent de marcher.*

<sup>22</sup> Damasceno Vieira, *Arnaldo* (drama em três atos), Porto Alegre, Tip. do Jornal do Comércio, 1886.

<sup>23</sup> Damasceno Vieira, *Anália* (drama em quatro atos), Uruguaiana, Tip. da Livraria Guarani, 1888. 122 p.

<sup>24</sup> Data documentada no registro de nascimentos da Cúria Metropolitana de Porto Alegre e também referida no poema “No mar”, publicado no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1875*, p. 242-243.

<sup>25</sup> “No dia dos meus anos” é referência equivocada, pois o poema intitula-se “No Mar” e é o subtítulo que especifica “No dia de meus anos, 2 de setembro de 1873” (NALLB, 1875, p. 242-243).

no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*, em pequeno verbete lista o nome da escritora gaúcha (p. 45). Porém, os três estudiosos dão-lhe o prenome Amália ao invés de Anália. E é como Amélia que a poetisa surge pela primeira vez no *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1871*.

Anália (ou Amélia, como diz o *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro* para 1871, p. 221) dedica seu primeiro texto – “Logogrifo XI” – “Ao Sr. Manoel Maria Lucio”, e adverte: “Veja-se o A de 67, pag. 329, e o A de 69, pag. 222”. (Observa-se por essa informação que Anália era leitora do *Almanaque de Lembranças* e vem colaborar). Assim, antes de ler o Logogrifo XI, vai-se à indicação aposta à dedicatória e, na palavra da logografista Catarina Máxima de Figueiredo, de Guiães, o logogrifo do *Almanaque* de 1867, página 329, conclui assim:

Se nos homens dominasse  
Muito mal se evitaria!...  
Eis aqui o logogrifo  
Já tão claro como o dia!  
(*ALLB*, 1867, p. 329)

Ao que, no logogrifo do *Almanaque* de 1869, Manoel Maria Lucio, de Vila Nova de Gaia, responde:

Se nas damas dominasse  
Muito mal se evitaria!...  
(Dizem certos maldizentes  
Que a minha escola não cria)  
Eis aqui o logogrifo  
Já tão claro como o dia!...  
(*ALLB*, 1869, p. 222)

Em 1871, vem Anália e finaliza:

Se nos homens dominasse  
Muito mal se evitaria!...  
(Dizem todas as sensatas  
Que a minha escola só cria)  
Eis aqui o logogrifo  
Já tão claro como o dia,  
Que ofereço humildemente  
Ao Sr. Manoel Maria!...  
(*ALLB*, 1871, p. 221)



E em 1872, Manoel Maria Lucio escreve o “Logogrifo III”, dedicado “À Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Anália Vieira do Nascimento”, dando a referência dos *Almanaques* anteriores (de 1867, 1869 e 1871), encerrando com a seguinte estrofe:

Se nas damas dominasse  
muito mal se evitaria!...  
(dizem certos maldizentes  
que a minha escola não cria)  
Eis aqui o logogrifo  
já tão claro como o dia! ...  
que à Senhora Dona Anália  
oferece Manoel Maria!  
(*NALLB*, 1872, p. 133)

Há conceitos em disputa, cuja resposta o *Almanaque* trará. A resolução aos logogrifos aqui anotados, correspondendo aos anos de 1867, 1869, 1871 e 1872, é, respectivamente, “cordialidade”, “silêncio”, “misericórdia” e “segredo”. Vê-se que os logogrifos de Manoel Maria se resolvem por “silêncio” e “segredo”, enquanto os das duas autoras, por “cordialidade” e “misericórdia”. Mas Anália continua e, em 1873, dedica o “Logogrifo XVIII” “Ao sr. Manoel Maria Lucio”, justificando porque não responde a seus versos. Diz:

Se eu fizesse o logogrifo  
Co’as consoantes em *ia*,  
que portentosa massada!  
Tremenda sensaboria!

Por isso hoje não posso  
Responder, como devia,  
Ao mimoso logogrifo  
Do sr. Manoel Maria.  
(*NALLB*, 1873, p. 346)

E encerra, aconselhando Manoel Maria a não glosar o logogrifo, e nem tentar decifrá-lo, porque será “trabalhar em vão”. A solução deste enigma foge do âmbito dos anteriores, pois apela para figura de retórica que é a “paranomásia”.

Na perspectiva de Anália, há que desistir da resolução, tal a ordem de dificuldade que a escritora pensa ter colocado no passatempo.

Enfrentamento e promessa, outros logogrifos da autora trazem dessas propostas. Considere-se o “Logogrifo acróstico” do *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1872*, na página 311, cujas letras iniciais constituem dedicatória que se endereça “Aos logogrifistas de nome” (solução: “catopa”). Leia-se o “Logogrifo acróstico” do *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1874*, na página 194, com as letras iniciais completando um desafio que diz: “Se forem capazes decifrem isto”. Um e outro começam com promessas: o primeiro oferece “botas” e “coisas boas”, e o outro promete versos. E, na última estrofe, um formula a falta de esperança de ter acertadores; e o outro promete “um soneto ao mortal inteligente que na decifração meter o dente”. (NALLB, 1874, p. 194).

As respostas aos vinte e seis versos, que formam o acróstico de 1874, logo se fazem ouvir. Já em 1875, à página 17 do *Novo Almanaque*, Luiz Carlos d’Araujo Pereira Palma, de Pernambuco, em versos, interroga se ele terá agora o soneto prometido e se os acertadores terão “cada um o seu” (NALLB, 1875, p. 17).

Cada um receber o seu soneto, é possível, pois no *Novo Almanaque* para 1876, em uma nota, Anália explica que, ao receber cento e vinte e cinco respostas – erotomaniaco –, foi “remetendo”, aos acertadores, “um soneto laudatório”, que compôs “conforme Deus ajudou” (NALLB, 1876, p. 15). Confirma-se a remessa pela voz de André do Quental, de Ponta Delgada, que “À Sr.<sup>a</sup> D. Anália Vieira do Nascimento” dedica o soneto acróstico, em que os quatorze versos iniciam pelas letras da frase “O autor agradece” (NALLB, 1876, p. 17). Neste mesmo *Almanaque*, a página dezesseis acusa os sonetos dedicados “Ao Sr. Antonio de Sá Soares Leite” e “Ao Sr. José Joaquim de Mattos”, bem como a página 15, as “Quadras”, “Aos ilustrados cavalheiros de que trata o Almanach de 1875, à pag. 17”. E estampa-se, à página 219, o “Soneto” “Ao distinto logogrifista Sr. André do Quental”. Com dedicatória em versos de acróstico, há outros logogrifos de Anália Vieira do Nascimento, como seja o “Logogrifo XII” “Ao distinto algebrista Castor Phamur”, em que duas ordens verticais de letras formam a frase: “Equacoes do primeiro grao a uma incognita” (NALLB, 1885, p.191).

A este “Logogrifo XII”, Castor Phamur respondeu, compondo um soneto de experimentação verbo-visual, anagrama, em que treze letras do poema formam a palavra ceremoniatica – a solução do logogrifo – cruzando-se como o símbolo “xis” – a incógnita – da esquerda para a direita do segundo verso ao décimo quarto, e do décimo quarto ao segundo verso. Assim o segundo verso inicia com C da palavra “Com” e termina com A, da palavra rainhA, no décimo quarto verso. Na outra ordem, o C da palavra “Cantando” está no décimo quarto verso; e o A da palavra “mimosa”, no segundo verso. Desta forma criativa, cruzando a palavra “ceremoniatica” no

meio do soneto, Castor Phamur agradece e dá a resposta do logogrifo.

É importante essa correspondência de criação entre escritores, que se prendem uns à palavra dos outros. E nós, leitores, ficamos presos ao *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e ao *Novo Almanaque* com nossa atenção cada vez mais curiosa, para temas e conceitos.

A produção de Anália centra-se no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, onde se lê, da autoria dela, prosa, versos e passatempos (logogrifo, charada, enigma). Aos poemas, o título orienta o gênero: soneto, acróstico, quadra, epístola, perfazendo circunstância, homenagem, aconselhamento, confissão, profissão de fé. O confronto de estilos de época proclama-se em versos de “Epístola”<sup>26</sup>, ao traçar paralelos entre velho e novo, entre o que se ultrapassa e o que se faz vigorar. E é pela criação da sua arte mesma que o perfil intelectual e afetivo da autora se desenha, como confessa “Retrato”<sup>27</sup>. Acrescente-se o fato de Anália tanto homenagear como ser homenageada. Leia-se “Avante! Avante!”<sup>28</sup>, de João Bastos; “Saudação”<sup>29</sup>, de Moisés Bensaúde; “Agradecimento”<sup>30</sup>, de Castor Phamur; e “Homenagem à festejada poetisa rio-grandense D. Anália Vieira do Nascimento”<sup>31</sup>, de Benjamim Carvalho de Oliveira. Esses versos revelam o modo como se exalta a arte de Anália.

Passatempo ou poema, o chamamento ao interlocutor, na produção de Anália, está logo no título, subtítulo ou primeiras letras dos versos. Desse modo, distinguem-se personalidades de afeto e admiração. A poesia indigita receptores, ao nomear individualidades, quer no título, quer nos versos, quer na dedicatória. Assim, a irmã Lucília<sup>32</sup>, a amiga Leopoldina<sup>33</sup>, a cunhada Rafaela<sup>34</sup>, as poetisas Ana Ribeiro de Bittencourt<sup>35</sup> e Andradina de Oliveira<sup>36</sup> merecem poemas de louvor.

De referir o dado biográfico que a pesquisa revela: Rafaela Barreto de Azambuja, a “amiga íntima” de Anália é a esposa, em primeiras núpcias, de Damasceno Vieira<sup>37</sup>, cunhada de Anália, portanto. A ela, a poetisa dedica

---

<sup>26</sup> *NALLB*, 1880, p. 228.

<sup>27</sup> *NALLB*, 1889, p. 457.

<sup>28</sup> *NALLB*, 1885, p. 218.

<sup>29</sup> *NALLB*, 1885, p. 398.

<sup>30</sup> *NALLB*, 1886, p. 388.

<sup>31</sup> *NALLB*, 1887 Suplemento, p. 183.

<sup>32</sup> “Lucília”, *NALLB*, 1873, p. 379.

<sup>33</sup> “Num álbum”, *NALLB*, 1874, p. 332.

<sup>34</sup> “Acróstico”, *NALLB*, 1880, p. 207; “Lembrança”, *NALLB*, 1877, 114 e “O Logogrifo XV Acróstico” (por letras) *NALLB*, 1877, p. 281.

<sup>35</sup> “Após a doença”, *NALLB*, 1886, p. 290.

<sup>36</sup> “Avante!”, *NALLB*, 1893, p. 181

<sup>37</sup> Damasceno Vieira contrai segundas núpcias com D. Clarinda Netto Vieira, conforme atesta a nota do seu falecimento na página 59 do *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1911*.

três textos no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*: “Acróstico”, “Lembrança” e “Logogrifo XV Acróstico” em letras<sup>38</sup>. A afeição é proclamada na dedicatória de “Lembrança”, que diz: “No álbum da minha íntima amiga, Rafaela Barreto de Azambuja”. Explícita também é a indicação dada no “Logogrifo” que escreve em duas linhas verticais “A minha boa amiga Rafaela Barreto”, como se mostra no início dos versos:

Recebe como prova de amizade  
As letras que aqui vão,  
Amiga que és o tipo da bondade,  
Mimoso coração.  
Foi outrora rival da Roma altiva  
Irmã na intrepidez  
Atraiu oblações, sem ser o Siva,  
Num culto bem soez.  
(*NALLB*, 1877, p. 281)

O logogrifo segue dando pistas sobre a personalidade em adivinhação, que é “Alcibiades”.

Além de ser louvada pelos seus colegas de escrita, observa-se a atenção que os editores concedem à poetisa, pois em anos sucessivos<sup>39</sup>, na sessão “Correspondência”, a escritora é convocada pelo epíteto “Madrugadora Devota (Brasil)”, e a partir de 1875 com o acréscimo do anagrama “Ailanna madrugadora devota”. A primeira mensagem é de 1875 e diz:

Madrugadora Devota (Brasil) – Sempre que a *Madrugadora* nos vinha visitar, e nunca vinha cedo para os nossos desejos, – dizíamos-lhe do coração – Bem Vinda! Hoje dizemos mais; hoje damos os parabéns ao Brasil, porque entre os seus poetas inspirados levanta-se uma poetisa de 19 anos, que há de honrar a pátria. Avante! (*NALLB*, 1875, p. 42).

Em 1878, lê-se:

AILANNA – Madrugadora Devota (Brasil) - Manifestamos um desejo! Mais ainda, fazemos um voto, e é de raiz do coração.

---

<sup>38</sup> “O Logogrifo XV Acróstico” (por letras, *NALLB*, 1877, p. 281 – solução “Alcibiades”).

<sup>39</sup> “Correspondência”: *Madrugadora Devota* em 1875 (p. 42); *AILANNA – Madrugadora Devota* em 1878 (p. 50); 1879 (p. 57); 1881(p. LIII); 1883 (p. LXIII); 1884 (p. LXIV); 1886 (p. 53); 1887 (p. 61); 1889 (p. 56); 1890 (p. 60); 1890 S (p. 16N); 1891 (p. 64); 1892 (p. 76); 1893 (p. 74); 1894 (p. 50).

Praza a Deus que nunca chegue a desencordoar-se, a lira que tanto promete e de que tanto há ainda a esperar. (NALLB, 1878, p. 50).

E em 1886:

AILANNA – Madrugadora Devota (Brasil) – É dia de festa nesta casa, sempre que entre as cartas que nos traz o correio da América, vem uma em que os versos, cada vez mais levantados e mais correctos, denunciam que a sua autora bem merece os elogios, que teriam enchido outras de orgulho, mas que a ela nem de longe perturbam, porque a sua modéstia é igual ao seu talento. (NALLB, 1886, p. 53).

São mensagens de vários anos até que, desconhecendo-se motivos, Anália encerra sua colaboração em 1893. E é em 1894 que a “Correspondência” proclama a sua queixa:

Ailanna madrugadora devota (Porto Alegre). – Não é já madrugadora, nem devota. Fomos totalmente esquecidos. Pois não devíamos sê-lo. Se tornar a recordar-se de nós lembre-se que a sua colaboração é muito apreciada, e que a porta está sempre aberta para a recebermos. (NALLB, 1894, p. 50)

Anália silencia e desaparece das páginas do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Entretanto surge o sobrinho.

Arnaldo Damasceno Vieira nasce em Porto Alegre a 22 de abril de 1876 e falece no Rio de Janeiro, em 1949, sendo seu pai João Damasceno Vieira Fernandes e sua mãe Rafaela Barreto de Azambuja<sup>40</sup>. É engenheiro militar e membro da Sociedade Brasileira *Homens de Letras* e fundador das revistas *Brasileia*, *Album Panthum*. É poeta, escritor, ensaísta, historiador e psicólogo. Em sua bibliografia consta a ópera *Esmeralda*, de 1898, cujo libreto é composto por Arnaldo juntamente com Vicente de Oliveira e Velasco Vereza. Levada à cena, a ópera é cantada por Stela Teixeira e os Alunos da Escola de Guerra de Porto Alegre. Arnaldo Damasceno Vieira é o autor de *Constelações*, 1903; *Baladas e poemas*, 1911; *Poemas de Sonho e Ironia*, 1919; *Lendas da Princesa Loura*, 1925; *Ainda se morre de amor*, 1935; *Espelho de três faces*, 1948. Há o ensaio *Imortalidade: Estudos de*

---

<sup>40</sup> No documento em que pesquisamos não há menção do nome da mãe de Arnaldo. No entanto, arrisca-se a hipótese de sua filiação, por encontrar-se, na Cúria Metropolitana de Porto Alegre, o registro de batismo de Abílio Fernandes Lima, em 1875, filho de Anália, que diz “forão padrinhos João Damasceno Vieira Fernandes e sua esposa D. Raphaela Barreto de Azambuja” (Conforme *Anália Vieira do Nascimento*, Lisboa, 2017, p. 171).

psicologia e espiritualismo, 1935 e o artigo “O simbolismo e a mística”, 1938. Anota-se ainda a antologia *Sonetos brasileiros do século XVII a XIX*.

A colaboração de Arnaldo no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* vai do ano de 1900 a 1911. São poemas de forma fixa, rima e ritmo bem-comportados, com a voz clara do sujeito poético, como diz o soneto

#### ESGRIMA

Era o tipo perfeito de uma inglesa  
A loura Amanda: o porte alevantado,  
Elegante, adorável na pureza  
Do olhar de um casto azul acetinado.

Iniciada no *chic* da nobreza,  
Longamente se havia dedicado  
Ao manejo de armas: a destreza  
Lhe sobrava no pulso exercitado.

A vez primeira em que esgrimi com ela,  
Embalde usou do arдил e da cautela  
Para ferir-me: tudo foi-lhe em vão!

Porém, quando abatemos os floretes,  
No seu olhar de finos estiletos  
Senti atravessado o coração.  
(*NALLB*, 1900, p. 223)

O *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1905* traz notícia sobre Arnaldo Vieira do Nascimento na seção “Publicações recebidas”, com o seguinte texto:

Arnaldo Damasceno Vieira – *Constellações* – (Orion, Poemas de Zila, Cruzeiro) – Rio de Janeiro – 1903.

Estreias como esta não abundam; são mesmo bastante raras. Arnaldo Damasceno Vieira, filho do festejado escritor brasileiro Damasceno Vieira, decerto conquistará d’assalto, com esta primeira brilhante investida, um honroso lugar na literatura do seu país. É um poeta em toda a extensão da palavra.

Os seus versos saem fluentes e puros, espontâneos e sem preocupação d’escola. E este intencional desprendimento de toda a escola, de toda a ortodoxia, – revelado no soneto “*Ideal*”

que abre o livro, – faz com que o seu temperamento vibrátil d’artista se expanda nos mais variados assuntos d’inspiração. Desde a dulcíssima unção do “*Mysticismo*” (que noutro lugar transcrevemos) até ao ardor pagão da “*Obra de Zeuxis*”, no imateria lanceio da “*Lenda Oriental*” e na galante ninharia dos “*Arrufos*”, a alma do poeta vibra sempre com igual intensidade. Quem assim começa, longe irá por certo. Mais uma vez tem lugar o conhecido adágio: filho de peixe... sabe nadar. (NALLB, 1905, p. XLVI).

De fato, a página 74 deste *Almanaque* copia as cinco sextilhas de “Morta” e a página 340, as oito quadras de “Mysticismo”.

São treze os poemas que Arnaldo publica no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, onze dos quais encontram-se fazendo parte dos volumes *Constelações*, (1911), também em *Baladas e poemas* (1919). Para *Constelações*, vão os poemas de NALLB “Esgrima”, “Teísta” (1900); “Hospedaria” (1901); “Que importa?” (1902); “Os cinco sentidos” (1903); “Morta” (1904); “Misticismo” e – reduplicando – “Morta” (1905). *Baladas e poemas* copiam “Artista”, “Soror Esperança” (1907); “História triste” (1908) e “Vilancete” (1911). As cinco estrofes de “História Natural” (1901) e as nove de “Canção” (1904) ainda esperam por descobrir a que obra pertencem. Importante apontar que “Vilancete” possui três versões: duas em *Baladas e poemas*, às páginas 31 e 177, e outra em *Poemas do sonho e da ironia*, à página 178.

Confirma-se que vilancete é texto poético do classicismo, constituído por “mote” e “glosa” ou “volta”. O “mote” compõe-se de um terceto ou dístico, expressando um pensamento, a exigir resposta – a “glosa” ou “volta” –, em várias estrofes, com número de versos à inspiração do poeta e, geralmente, redondilha maior. Comparem-se os motes dos vilancetes publicados nos livros de Arnaldo, para concluir qual dos três é o que está no *Almanaque*. Os motes que reclamam sua glosa ou volta são os seguintes: em *Baladas e poemas*, à página 31:

Sem que haja o menor motivo,  
Usais de toda a crueldade.  
Ouvi-me pois a verdade:  
(Vieira, 1911, p. 31)

No mesmo livro, à página 177, lê-se:

Com vossa intenção honesta  
Não me tireis, vos suplico,

O único bem que me resta.  
(Vieira, 1911, p. 177)

E em *Poemas do sonho e da ironia*, o mote que será glosado é o que segue:

Um pudor íntimo veda  
Meus tormentos confessar.  
Seria melhor calar.  
(Vieira, 1919, p. 178)

Mote e voltas do “Vilancete” do *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1911* são esses:

#### VILLANCETE

Sem que haja maior motivo,  
Usais de toda a crueldade.  
Ouvi-me pois a verdade.

#### VOLTAS

Rendi-vos preitos, tributos,  
Quais não rendera a ninguém,  
Porém desprezos me têm  
Coberto de tristes lutos.  
Digo pois de olhos enxutos:  
Para o tormento em que vivo  
Não vejo maior motivo.

Hoje de vós me despeço,  
Para nunca mais voltar.  
Vos dou a vós o bem-estar  
E a mim o mal que mereço,  
Não soube incutir apreço  
Nem para a mera amizade!  
Culpa é só minha em verdade.

Perdoai-me! porém, culpados  
Maiores que eu próprio, são  
Meus olhos, meu coração,  
Por vosso encanto enlevados.  
Não lhes tireis seus cuidados  
Enquanto, Senhora, vivo



Sem que haja maior motivo.

Heis de notar certamente  
Que, ao despedir-me de vós,  
Tenho lágrimas na voz  
E a mão gélida, tremente.  
É que minha alma já sente  
Uma indizível saudade  
Da vossa imensa crueldade

(NALLB, 1911, p. 13)

O mote de *Baladas e poemas*, com pequena alteração, é o mote do “Vilancete” do *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno 1911* (editado em 1910). Leia-se a íntegra da composição do livro de 1911:

VILLANCETE

Sem que haja o menor motivo,  
Usais de toda a crueldade.  
Ouvi-me pois a verdade:

Rendi-vos preitos, tributos,  
Quais não rendera a ninguém.  
— Longos desprezos me têm  
Coberto de tristes lutos.  
Digo pois de olhos enxutos:  
Sofro um mal sem lenitivo  
Sem que haja o menor motivo...

Heis de notar certamente  
Que ao me dirigir a vós,  
Tenho lágrimas na voz  
E a mão gélida, tremente;  
É que minha alma já sente  
Uma indizível saudade  
De vossa imensa crueldade!

Hoje de vós me despeço,  
Para nunca mais voltar:  
Tereis assim o bem-estar  
E eu aquilo que mereço  
Não soube incutir apreço

Nem para a mera amizade!  
Culpa é só minha, em verdade.

Perdoai-me! Porém culpados  
Maiores que eu próprio, são  
Meus olhos, meu coração,  
Por vosso encanto enlevados.  
Não lhes tireis seus cuidados  
Enquanto, Senhora, vivo  
Sem que haja o menor motivo.

(*Baladas e poemas*, 1911, p. 31)

Os vilancetes das duas publicações correspondem-se, relevando as alterações, que são registradas, a partir da primeira publicação que é a do *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1911*:

1) Em *Baladas e poemas* subtrai-se a indicação de “voltas” ao desenvolvimento do mote.

2) O primeiro verso do terceto substitui o adjetivo “maiores” por “menores”.

3) Na sequência das quatro setinas, Arnaldo modifica-lhes a ordem: mantém a primeira estrofe, mas já a segunda estrofe corresponde à quarta setilha do Almanaque; a terceira será a segunda do Almanaque e a quarta, fecho da composição será a terceira do Almanaque. Assim temos: 1ª *Baladas* = 1ª *Almanaque*; 2ª *Baladas* = 4ª *Almanaque*; 3ª *Baladas* = 2ª *Almanaque*; 4ª *Baladas* = 3ª *Almanaque*.

4) Há ainda a substituição nas formas dos versos: observa-se particularmente no refrão “menor motivo” do verso inicial, conclusão da segunda setena e chave do vilancete. Realmente, a disposição dos versos em *Baladas e poemas* é mais eloquente que a do *Almanaque*. No interior dos versos há mudanças, por exemplo: a primeira estrofe, além do adjetivo, altera o terceiro e o sexto versos; a segunda, (que corresponde à última do Almanaque) modifica o segundo verso: troca o verbo “despedir” por “dirigir”; a terceira, muda o terceiro e o quarto versos; a quarta, transforma apenas o adjetivo, retornando ao refrão, chave do poema: “sem que haja o menor motivo”. É importante assinalar o quanto Arnaldo Damasceno Vieira trabalhou as suas composições poéticas.

Os poemas mais longos de Arnaldo, enviados ao *Almanaque*, intitulam-se “Soror Esperança” e “Triste história”.

“Soror Esperança” possui vinte quadras, formadas por três versos decassílabos e um hexassílabo, mantendo rima alternada. A voz poética descreve um cenário de beleza, silêncio e paz para apresentar a solidão da freira que, em retiro, medita sobre o passado: a infância, a primeira

comunhão, a adolescência e o encantamento pelo pároco. Lembra o sofrimento por esperar “o entresenhado eleito”. Afinal, pela devoção, consola-se no ambiente sagrado e agradece a quem a ignorou, pela vivência que obteve. Aguarda, então, a paz da eternidade, como se lê:

Mas como o branco incenso que se eleva,  
Como possuído de um fervor que o invade  
Deixar o mundo – a treva,  
E alçar-se para a eterna claridade...

Poder fruir os inefáveis gozos  
Que só o justo alcança  
Nos êxtases, nos sonhos luminosos  
Da bem-aventurança...

Bendito o que a magoou com mão ferina  
E por quem tantas lágrimas verteu!  
Sem o pensar guiou-a à paz divina,  
À breve estrada que vai ter ao céu...  
(NALLB, 1907, p. 332-334)

Soror Esperança espera a felicidade na vida celestial.

O poema “Triste História” apresenta oitenta e oito versos, de variada composição vérsica e estrófica. São quinze estrofes: uma, de quatorze versos; duas, de doze versos; três, de oito versos; quatro, de quatro versos e cinco dísticos. A rima em geral é alternada, havendo ocorrência de rima interpolada. O título do poema revela que é uma narrativa com final negativo, e o poeta logo convoca a atenção do ouvinte para o assunto que será desenvolvido, como expõe:

Escuta. Era uma vez de alta macieira,  
Sob a fronde copada,  
Uma linda Maçã, tão feiticeira  
Que de todos vivia requestada.  
De muito longe vinham pretendentes  
Qual mais esperançoso  
De lhe dar com protestos veementes  
A sua mão de esposo.  
(NALLB, 1908, p. 221)

Desfilam os apaixonados, solicitando uma resposta. São pássaros, insetos, libeludos, moscardos, mesmo um louva-a-deus que se acidenta. E chega um “Besouro, um grande entre os besouros” que usa “um lânguido estribilho”:

Tu és a Dissonância e a Melodia,  
O Contraponto que nós tanto amamos.

Ela, entanto, pudica, se escondia  
E se punha a espreitar por entre os ramos...

A desejada continua esquivando-se, como se lê:  
Ela, entanto, escarminha, se escondia  
E se punha a zombar por entre os ramos.

Passa o zangão e chega “um gaturamo que era poeta – como o são em geral os passarinhos” e lhe dedica belos versos, concluindo a afirmar:

Canto e sucumbo porque soffro e amo!

Como se depreende,

Era cheia de angústia essa elegia  
Na melodiosa voz dos gaturamos.

Ela, entanto, soberba, se escondia,  
Sem a escutar, sequer, por entre os ramos!

Passa-se o tempo até que vem o final da história:

Um dia, enfim, tombou, que a abandonaram  
Força e beleza no final da vida.  
E, ao vê-la assim, tão murcha e ressequida,  
Nem os vermes da terra a desejaram!

(NALLB, 1908, p. 221-223)

E assim conclui-se a história de uma individualidade que desprezou o sentimento de todos que amavam.

A colaboração da família Vieira no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* enriquece o anuário pela qualidade e criatividade de seus textos.

FONTES:

*Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1870*, Lisboa, Typographia Franco-Portugueza, 1869.

*Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1871*, Lisboa, Lallement Frères Typ, 1870.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1872*, Lisboa, Lallement Frères Typ, 1871.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1873*, Lisboa, Lallement Frères Typ, 1872.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1874*, Lisboa, Lallement Frères Typ, 1873.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1875*, Lisboa, Lallement Frères Typ, 1874.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1876*, Lisboa, Lallement Frères Typ, 1876.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1877*, Lisboa, Lallement Frères Typ, 1876.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1878*, Lisboa, Lallement Frères Typ, 1877.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1879*, Lisboa, Lallement Frères Typ, 1878.

*Novo Almanach de Lembranças Lu[s]o-Brazileiro para o anno de 1880*, Lisboa, Lallement Frères Typ, 1879.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1881*, Lisboa, Lallement Frères Typ, 1880.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1882*, Lisboa, Lallement Frères Typ, 1881.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1883*, Lisboa, Lallement Frères Typ, 1882.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1884*, Lisboa, Lallement Frères Typ, 1883.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1885*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1884.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1886*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1885.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1887*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1887.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1888*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1887.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1889*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1888.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1890*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1889.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1891*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1890.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1892*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1891.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1893*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1892.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1894*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1893.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1895*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1894.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1896*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1895.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1897*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1896.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1898*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1897.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1899*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1898.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1900*, Lisboa, Typographia da Parceria António Maria Pereira, 1899.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno 1901*, Lisboa, Typographia da Parceria António Maria Pereira, 1900.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno 1902*, Lisboa, Typographia da Parceria António Maria Pereira, 1901.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno 1903*, Lisboa, Typographia da Parceria António Maria Pereira, 1902.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno 1904*, Lisboa, Typographia da Parceria António Maria Pereira, 1903.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno 1905*, Lisboa, Typographia da Parceria António Maria Pereira, 1904.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno 1906*, Lisboa, Typographia da Parceria António Maria Pereira, 1905.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno 1907*, Lisboa, Typographia da Parceria António Maria Pereira, 1906.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno 1908*, Lisboa, Typographia da Parceria António Maria Pereira, 1907.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno 1909*, Lisboa, Typographia da Parceria António Maria Pereira, 1908.

*Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno 1910*, Lisboa, Typographia da Parceria António Maria Pereira, 1909.

*Novo Almanac de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno 1911*, Lisboa, Typographia da Parceria António Maria Pereira, 1910.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul*. Do Romantismo ao Modernismo. Porto Alegre: IEL; EDIPUCRS, 1997.

CHAVES, Vania Pinheiro. O Almanaque de Lembranças e o *Rio Grande do Sul*. In: CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014. p. 35-54.

SILVA, Maria da Conceição dos Santos. O Rio Grande do Sul na pena de um cônsul português do século XIX. In: CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre, Gradiva, 2014. p. 185-195.

VIEIRA, Arnaldo Damasceno. *Baladas e Poemas*. Bahia: Tipografia Baiana, 1911.

VIEIRA, A. D.. *Constelações*. Rio de Janeiro: Edições do autor, 1903.

VIEIRA, A. D. *Poemas do sonho e da ironia*. [S.l.]: [S.n.], 1919.

SOARES, Francisco, Mário António Fernandes de Oliveira. *Reler África*. Coimbra: Instituto de Antropologia – Universidade de Coimbra, 1990.

SOARES, Francisco. *Quicola*: Estudo para um conhecimento do património formal da poesia angolana. Os poemas líricos em verso oriundos de Angola e publicados no século XIX no *Almanac de Lembranças Luso-Brasileiro*. Évora: Pendor, 1998.

TAVARES, A. P.; WEIGERT, B.; LOUSADA, I. (org.). *Ensinar o Brasil a toda a gente: homenagem a Vania Pinheiro Chaves*. Lisboa: CLEPUL: Theya, 2019.

Recebido em: 12 set. 2023

Aprovado em: 29 out. 2023